

**MODERNIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA CIDADE: BAIXADA
FLUMINENSE EM FOCO**

Jaqueline Tavares de Souza¹

Entre maio e julho de 2017, estudantes da 3ª série do Colégio Estadual São João, localizado no município de Queimados na Baixada Fluminense, fizeram uma atividade de pesquisa envolvendo o município de Queimados e os municípios vizinhos (Japeri e Nova Iguaçu) com imagens que retrataram a dinâmica do lugar escolhido pelos grupos. A atividade em questão foi parte da avaliação do segundo bimestre cujo objetivo foi discutir e analisar a modernização e a urbanização nas dimensões físico-social- cultural e como essas categorias se definem no imaginário social. Contudo, a partir das próprias experiências dos estudantes e relatos de moradores dos bairros apresentados, observamos diversas formas de manifestação da violência.

Esta “experimentação pedagógica” retrata mais do que as inquietações, a memória e a visão de mundo de jovens, a minha própria inquietação e curiosidade como professora,⁸⁵ para ouvi-los, conhecê-los e compartilhar experiências. Desde 2015 resido na Baixada Fluminense, atuando como professora nos municípios de Nova Iguaçu e Queimados, desde 2016 - o que me fez ter outra visão de mundo e construir uma nova identidade. Dialogar, retratar e registrar a dinâmica entre o espaço físico e cultural foi uma necessidade dessa relação professor-aluno. A seguir, os critérios do trabalho apresentado às turmas.

Critérios do trabalho

1- De acordo com os conceitos discutidos em sala de aula – urbanismo – capitalismo – centro/periferia – blasé – flâneur – consumismo – sociabilidade - preconceito/segregação, a turma se dividirá em grupos a fim de analisar as relações sociais que envolvem a “cidade” e sua organização na esfera física e social, a partir de uma

¹ Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestra em Políticas Públicas e Formação Humana pelo Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ) e professora de sociologia da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC).

pesquisa envolvendo os bairros do município de Queimados e os bairros de municípios vizinhos com imagens tiradas pelo próprio grupo e entrevistas feitas com moradores das localidades que retratem a dimensão físico-social-cultural: a história, a memória, a dinâmica e as mudanças e transformações do lugar escolhido devido a urbanização.

2- O trabalho será apresentado em forma de seminário, a partir das bibliografias discutidas em sala de aula, ou seja, o grupo precisa utilizar conceitos e categorias sociologicamente aceitos. Porém, o grupo poderá pesquisar o tema ou situações que retratem a organização da cidade em outras fontes ou internet, mas é imprescindível que 70% da análise esteja baseada na bibliografia oferecida pelo professor (caderno, folhas, livro).

3- Que os grupos se organizem e não escolham os mesmos lugares ou grupos para pesquisar e retratar no trabalho.

4- É necessário anexar gráficos e imagens de acordo com a pesquisa.

5- No dia do seminário o grupo apresentará para o professor um roteiro que deve conter entre 2 e 3 páginas e a bibliografia.

6 –Duração do seminário: 15 a 20 minutos.

Aplicabilidade dos conceitos

Como pode-se observar, os conceitos trabalhados em sala de aula possuem como referenciais teóricos, Georg Simmel, os teóricos da Escola de Frankfurt, como Walter Benjamin e Theodor Adorno (este último trabalhado no 1º bimestre) e a Escola de Chicago. Foi trabalhado também o conceito de sociabilidade e suas múltiplas transformações diante de uma reforma urbana, por exemplo. “Redesenhar a cidade para redesenhar a sociedade”: construindo prédios, abrindo avenidas, e muitas das vezes retirando da “paisagem”, mas em nome do “progresso”, aquilo que a própria população considerava de suma importância para a memória daquele local. A proposta era justamente relacionar os conceitos essencialmente teóricos e a sua aplicabilidade na prática.

Foram duas semanas de apresentações: a escolha dos bairros ficou a critério dos próprios estudantes, escolha que se deu no mesmo dia em que foi apresentada a proposta

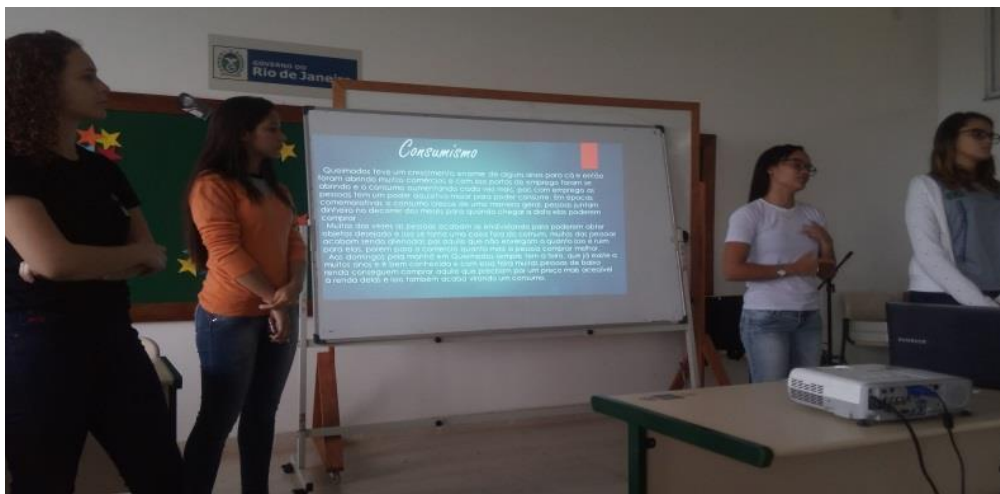
de trabalho. Os bairros escolhidos, em sua maioria, foram lugares de moradia dos estudantes ou parentes destes. Foram apresentados “modos de vida” e a organização não só física e cultural dos seguintes bairros: Centro, Parque Santiago, Pacaembu, Fanchen, Vila do Tinguá (Queimados); Austin, Três Marias (Nova Iguaçu); Mucajá (Japeri).

Até o dia das apresentações as dúvidas e os “olhares” foram se modificando. Não só dos estudantes, mas de minha posição como professora, adaptando o meu olhar e a aplicabilidade dos conceitos para os municípios da Baixada Fluminense e a sua organização. Durante as aulas, quando se falava nas reformas e modos de vida “urbanos”, a sociabilidade violenta, a cultura do medo, o descaso do poder público com as necessidades básicas da população e os impactos das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) da cidade do Rio de Janeiro para a Baixada Fluminense renderam discussões calorosas e não, obstante, ilustraram a maioria dos trabalhos dos estudantes. Resgatar a memória e conhecer a história local de cada bairro implicava em redesenhar essa nova realidade.

Recorte das apresentações

87

Para retratar a organização dos bairros nas esferas física e cultural, os estudantes utilizaram imagens tiradas pelo próprio grupo, fotografias antigas e atuais e entrevistas com moradores, além da aplicabilidade dos conceitos sociológicos. Serão ilustradas nas próximas páginas as apresentações de três grupos, a fim de delimitar a organização dos bairros de três municípios da Baixada: o centro de Queimados, o bairro Austin, em Nova Iguaçu e o bairro de Mucajá, em Japeri.



Apresentação das pesquisas dos grupos de Queimados (centro), Japeri (Mucajá) e Nova Iguaçu (Austin).

Foram observadas que a organização espacial e cultural na cidade de Queimados e a sua relação centro/periferia provoca uma segregação, uma vez que a zona periférica na cidade está relacionada com os morros. Isso foi ressaltado nas entrevistas que o grupo fez, em que o desenvolvimento da violência apareceu como um fator determinante na sociabilidade em Queimados.

A periferia em Queimados vem aumentando nos últimos anos, e junto com seu aumento, também podemos notar o aumento de assaltos, tiroteios, mortes e de consumo de drogas. Queimados que aparentemente, era uma cidade tranquila há cinco anos, hoje é uma cidade onde temos, muitas vezes medo de sair, os jovens, que antes iam á festas e voltavam três da manhã para casa, caminhando com seus amigos, hoje em dia a grande maioria não faz mais isso, com medo de assaltos e bala perdida. Coisas que antes eu via na TV, hoje posso ver no meu bairro, famílias desesperadas, com a morte de um parente ou conhecido. Isso mostra o grande aumento do perigo na nossa cidade. Os morros mais conhecidos em Queimados são o São Simão, Caixa D'água e Pedreira (Informação Verbal, entrevista do grupo com uma moradora de Queimados).

O grupo mostrou os dois lados do centro de Queimados: de um lado, uma das mais tradicionais feiras livres da Baixada que ainda sobrevive e resgata a memória do município, do outro, o batalhão de Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (24^o BPMERJ), e a delegacia policial (55^a D.P), elementos que abarcam o controle policial de uma cidade que está em desenvolvimento e que na maioria das vezes, não se faz presente.



Feira livre de Queimados, uma das tradicionais da Baixada.



Delegacia policial de Queimados

O grupo que apresentou o bairro de Austin, Município de Nova Iguaçu, deu ênfase a outro tipo de violência: a do descaso do poder público. O grupo registrou a falta de ⁹⁰ pavimentação em quase todo o bairro, esgoto a céu aberto e a clínica da família, fechada por falta de recursos. O fato de também não ter uma área de lazer para crianças e jovens, foi duramente criticada no trabalho. Em relação à memória local, o grupo deu ênfase a estação ferroviária e o fato de Austin, abrigar uma das escolas municipais mais tradicionais do município de Nova Iguaçu.



Bairro de Austin, Nova Iguaçu



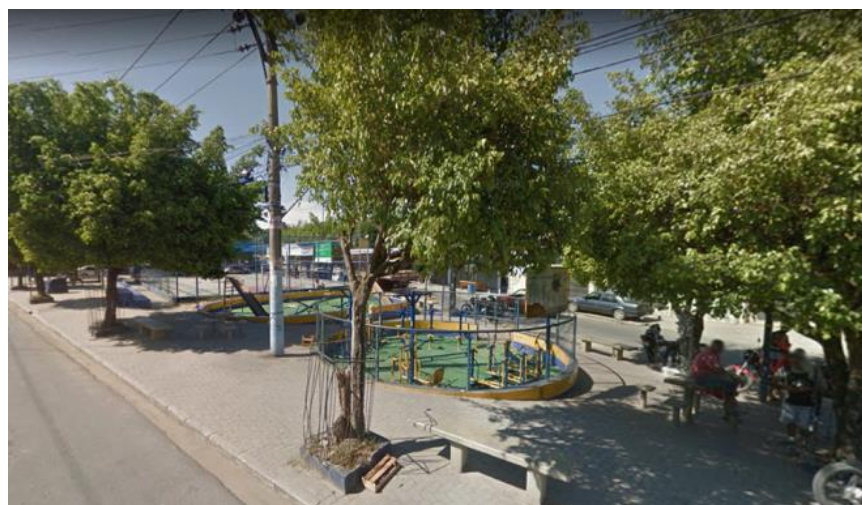
Clinica da Família em mal funcionamento, Austin, Nova Iguaçu.

O conceito de sociabilidade violenta foi retratado em maior grau no Bairro de Mucajá em Japeri. Segundo o grupo, Mucajá que fica próximo a Engenheiro Pedreira – bairro mais desenvolvido do município de Japeri – teve o aumento do índice de violência após a implantação das UPPs na cidade do Rio de Janeiro. Nesse caso, traficantes encontraram “abrigo” nos arredores do bairro: o embate entre policiais e traficantes, a exposição da população à troca de tiros, fez com que a violência se naturalizasse, tornando-se um traço cotidiano e característico do bairro. Outra importante informação é que as ruas largas, sinônimo de progresso, não facilitou o controle policial e sim aumentou a “perseguição” de forma desordenada entre policiais e traficantes.

Segundo o grupo, ao mesmo tempo em que há ruas largas, há também ruas estreitas e sem pavimentação dando um caráter mais rural ao bairro, mas que também é um traço do descaso do poder público. Ao relatar essas características e os problemas do bairro, o grupo também enfatizou que Mucajá conta com um centro de saúde em perfeito funcionamento e que possui todas as especialidades e a praça é um dos traços mais tradicionais do bairro.



Vista de Mucajá, Japeri.



Praça de Mucajá, Japeri.

Conclusão

Inicialmente, ao propor a pesquisa com o objetivo dos alunos irem à campo, registrando a memória, a história e apresentando a dinâmica entre as dimensões física e cultural, não foi levado em conta o retrato da violência e suas múltiplas manifestações. No

entanto, seja em maior ou menor grau, formas de violência e de uma sociabilidade violenta apareceram em todos os trabalhos. Esse artigo é apenas um recorte da pesquisa que os estudantes retrataram, registraram e clamaram por melhorias no seu cotidiano. Outras formas de sociabilidade foram apresentadas e não retratadas como “violentas”, como é o caso dos bairros onde a milícia atua e nesse caso “não há tráfico”, segundo os estudantes.

A pesquisa mostrou a identidade dos alunos com o seu bairro, a sua cidade e a forma de participar da dinâmica destes. Os estudantes convivem, produzem, constroem cultura mediados por ela e a partir dela. Houve uma necessidade de manifestar o descaso do poder público para com a população local e essa “nova” sociabilidade que segrega, aliena, oprime, mas com um outro olhar – e foi com esse olhar – que essa sociabilidade também grita e clama por mudanças.

Referências:

BRYM, Robert J *et al.* Sociologia. Sua Bússula para um Novo Mundo. Cengage CTP, 1ª edição brasileira, 2006.

FREIRE, Bianca, BOMENY, Helena. Tempos Modernos, Tempos de Sociologia. Editora ⁹³ do Brasil, 1ª ed. São Paulo, 2010.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, 11(2): 577-591, 2005.